

JORNAL DOS

Nº 185 DEZEMBRO DE 2004

# economistas

ÓRGÃO OFICIAL DO CORECON-RJ E SINDECON-RJ



**Lessa fala de Furtado,  
de Lula e do BNDES**

## EDITORIAL

# A polifonia de Lessa

Como última edição deste 2004, o *JE* traz um brinde aos leitores: uma entrevista com o professor Carlos Lessa em que, praticamente, ele faz um balanço do Brasil, muito mais do que deste ano ou de sua gestão à frente do BNDES. Um Lessa que fala muitas vezes, vozes de muitas e de muitos brasileiros.

Com o mote primeiro de enfocarmos a contribuição de Celso Furtado ao país e à teoria econômica, terminamos por produzir um dos mais relevantes e sinceros depoimentos sobre a economia brasileira, o papel das elites que, por séculos, mantêm o país na linha do atraso e submetem milhões de pessoas a viver abaixo da linha de pobreza.

Admirado por tantos, por que as idéias de Celso Furtado não são postas em prática, quando se trata de desenvolver o país e retirá-lo da submissão e opressão aos grandes interesses hegemônicos da globalização atual? O que há de Furtado na política econômica do governo eleito pela esperança para afastar o medo, o atraso e acabar com a fome, o desemprego e a concentração de renda?

E qual é hoje o papel do BNDES, criado, no início dos anos 50, em um movimento que veio na onda de um nacionalismo que inscreveu na história do país a indústria de base, como a CSN, a Vale do Rio Doce e a Petrobras?

São questões abordadas pelo professor Carlos Lessa, um brasileiro que não se deixou marcar pelo silêncio ou pela omissão. E as páginas do *Jornal dos Economistas* abriram-se para reproduzir sua voz, levá-la o mais longe possível, aos mais intrínsecos caminhos da alma dos que dirigem e dos que vivem o dia a dia de nosso país.

Mas levar esta voz, principalmente, às nossas e aos nossos leitores. Desejando a todas e todos um bom Natal e um 2005 cheio de vitórias, de conquistas e de retomada do caminho da esperança que fez recuar o medo.

Que nossas forças se unam para vencer este medo de vez, e instaurar, promover, recriar o Brasil que Furtado, Lessa, Conceição, vocês e todos nós sonhamos e por qual lutamos.

Feliz Ano Novo e até 2005! ■

## Sumário

- Página 3** A geração de exclusão e metamorfose do trabalho –  
Vania Cristina Azamor Pinto
- Página 7** Artigo do Leitor – Os desafios do comércio internacional  
Pedro Paulo Felicíssimo
- Página 8** Especial – Carlos Lessa  
As desigualdades no Brasil: um traço de longo prazo

- Página 15** Fórum Popular de Orçamento  
A contradições do orçamento do Rio
- Página 16** Manifesto dos Economistas estará no FSM  
FPO lança programas de TV  
Por um novo desenvolvimentismo



O Corecon-RJ apóia e divulga o programa Faixa Livre, apresentado por Paulo Passarinho, de segunda à sexta-feira, das 7h30 às 9h, na Rádio Bandeirantes, AM, do Rio, 1360 khz.

Jornal dos  
**economistas**

Órgão Oficial do  
**CORECON - RJ E SINDECON - RJ**

ISSN 1519-7387

**Conselho Editorial:** Gilberto Alcântara, Gilberto Caputo Santos, José Antônio Lutterbach Soares, Paulo Mibielli, Paulo Passarinho, Rafael Vieira da Silva, Rogério da Silva Rocha e Ruth Espinola Soriano.

**Editor:** Nilo Sérgio Gomes  
Correio eletrônico: nilosgomes@uol.com.br

**Ilustração:** Aliedo

**Caricaturista:** Cássio Loredano

**Diagramação e Finalização:**

Rossana Henriques (21) 2462-4885

**Fotolito e Impressão:** Tipológica

**Tiragem:** 13.000 exemplares

**Periodicidade:** Mensal

Correio eletrônico: seapo@corecon-rj.org.br

*As matérias assinadas por colaboradores não refletem, necessariamente, a posição das entidades. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta edição, desde que citada a fonte.*

### CORECON - CONSELHO REGIONAL DE ECONOMIA/RJ

Av. Rio Branco, 109 • 19º andar  
Rio de Janeiro • RJ • Centro • CEP 20054-900  
Telefax: (21)2232-8178 ramal 22

Correio eletrônico: corecon-rj@corecon-rj.org.br  
internet: <http://www.corecon-rj.org.br>

**Presidente:** José Antônio Lutterbach Soares • **Vice-presidente:** João Manoel Gonçalves Barbosa • **Conselheiros Efetivos:** Carlos Henrique Tibiriçá Miranda, José Antonio Lutterbach Soares, Renata Leite Pinto do Nascimento, Ceci Juruá, João Manoel Gonçalves Barbosa, Nelson Victor Le Cocq d'Oliveira, Ronaldo Raemy Rangel, Francisco Bernardo de Arantes Karam • **Conselheiros Suplentes:** Gilberto Alcântara da Cruz, Jorge de Oliveira Camargo, Rogério da Silva Rocha, Julio Flavio Gameiro Miragaya, Gilberto Caputo Santos, Arthur Câmara Cardozo, Mario Luiz Freitas Lemos, Eduardo Carnos Scaletsky.

### SINDECON - SINDICATO DOS ECONOMISTAS DO ESTADO DO RJ

Av. Treze de Maio, 23 • Grupos 1607/1608/1609  
Rio de Janeiro • RJ • CEP 20031-000  
Tel.: (21)2262-2535 • Telefax: (21)2533-7891 e 2533-2192  
Correio eletrônico: sindecon@sindecon.org.br

**Coordenador Geral:** Paulo Passarinho • **Coordenador de Assuntos Institucionais:** Sidney Pascotto • **Diretores de Assuntos Institucionais:** Ronaldo Rangel, Ceci Juruá, Rogério da Silva Rocha, Rafael Vieira da Silva, Nelson Le Cocq, Antônio Melki Jr e Eduardo Carnos Scaletsky • **Coordenador de Relações Sindicais:** João Manoel Gonçalves Barbosa • **Diretores de Relações Sindicais:** Júlio Miragaya, Gilberto Caputo Santos, Sandra Maria de Souza, Carlos Tibiriçá Miranda, José Fausto Ferreira, César Homero Lopes, Neuza Salles Carneiro e regina Lúcia Gadioli dos Santos • **Coordenador de Divulgação e Finanças:** Gilberto Alcântara da Cruz • **Diretores de Divulgação e Finanças:** Wellington Leonardo da Silva e José Jannotti Viegas • **Conselho Fiscal:** Ademir Figueiredo, Luciano Amaral Pereira e Jorge de Oliveira Camargo.

ESTUDOS SOBRE A GLOBALIZAÇÃO Vania Cristina Azamor Pinto\*

# A geração de exclusão e metamorfose do trabalho

Este trabalho traz algumas questões relativas ao processo de globalização pelo qual passa o mundo moderno, a despeito das diferenças políticas, econômicas, sociais, culturais, históricas, filosóficas, religiosas, científicas, artísticas e outras dos povos. Deste modo, é necessário um breve exame de alguns conceitos largamente utilizados para definir o fenômeno da globalização, tão controvertido, desafiador e, para a grande maioria dos indivíduos, excludente. É importante uma reflexão sobre a dinâmica comandada pelo capital na sua busca por reprodução, acumulação e concentração de mais capital e os seus efeitos sobre a força de trabalho ou a chamada "sociedade salarial"<sup>1</sup>. Cabe uma breve observação sobre a nova divisão internacional do trabalho, configurada pela internacionalização do sistema produtivo e dos serviços, assim como seus efeitos sobre a concentração da renda, o nível de emprego e o desemprego e seus vários níveis de degradação e, finalmente, sobre a exclusão social.

Por fim, serão verificados os reflexos limitadores da globalização à soberania dos estados nacionais, bem como seus efeitos sobre o Brasil e sobre sua economia de caráter cada vez mais dependente.

A partir da década de 70, começou a surgir um amplo debate sobre as transformações que passaram a ocorrer na economia e na política. Claro está que o processo de globalização que atravessa a modernidade tem sua origem no desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo na Europa, pois, mesmo nos períodos do mercantilismo, do colonialismo, do imperialismo, da dependência e da interdependência, este já apresentava tendências à internacionalização e transnacionalização.

A rede de articulações que tecem a história e a geografia do mundo moderno, provocando abalos em quadros de referência, transformando as bases sociais e imaginárias e dissolvendo visões do nosso tempo tem sido intitulada de globalização ou globalismo, através da qual, ideologicamente, se tenta apresentar um mundo sem fronteiras, sem nacionalidade.

Nesta medida, a globalização e a interdependência estão em consonância com o aumento da polarização mundial do poder, se configurando num elemento novo que traz enormes dificuldades e limitações aos Estados Nacionais na gestão de suas políticas macroeconômicas, principalmente, aos países ditos periféricos<sup>2</sup>.



A palavra Globalização teve estréia no mundo pela língua inglesa e, em pouquíssimo tempo, invadiu o discurso neoliberal<sup>3</sup>. Milton Santos caracterizou a globalização como *globalitarismo*, onde associou à globalização o conceito de totalitarismo, ou de exclusão de democracia, pois se está falando de um mundo que reclama obediência, onde a competitividade impõe o reino do fugaz, criando uma tensão permanente, que leva a esse atordoamento geral em que vivemos<sup>4</sup>.

### Reflexos da Globalização

À medida que a globalização do capitalismo ultrapassa fronteiras de povos, civilizações, nacionalidades e culturas, através da multiplicação das empresas, corporações e conglomerados transnacionais, ela passou a exigir dos países capitalistas a aplicação de políticas de liberalização, configuradas no quadro neoliberal, tais como: liberalização do comércio; privatizações das empresas públicas; uso de modalidades de terceirização; desregulamentação e o desmantelamento de conquistas sociais e democráticas.

A adoção da política *neoliberal*, somada ao aumento da produtividade proporcionada pelo uso de novas tecnologias, combinado a métodos modernos de organizações flexíveis configurou-se, então, uma espécie de *metamorfose da proteção ao trabalho*.

Assim, o regime de estabilidade do emprego (aquele protegido por garantias e direitos) vem dando lugar à precariedade das relações de trabalho. Este quadro gera uma *desestabilização dos trabalhos chamados estáveis; uma alternância de períodos de desemprego, de trabalho temporário, de pequenos trabalhos; e a multiplicação dos excluídos ou excedentes*.

Por um lado, as empresas procuram minimizar o custo do tra-

balho e maximizar sua eficácia produtiva, por outro as novas tecnologias têm permitido a deteriorização das tarefas através da prestação de serviços independentes<sup>5</sup>. Ano a ano, o fosso que separa os incluídos dos excluídos vem aumentando, em outras palavras, os ricos ficam mais ricos e os pobres mais pobres. A história demonstrou que as desigualdades sociais não são temporárias, e se agravam.

Neste contexto, surgiu o termo “apartação”<sup>6</sup>, que vem a ser o fenômeno de separar o outro, não mais considerado como humano, ou seja, quando o outro é expulso do gênero humano. Isso tem ocorrido no Brasil, na medida em que a identidade do pobre está cada vez mais relacionada à do bandido, do marginal.

A questão da globalização pode ser abordada através dos efeitos estratégicos do capitalismo nos países da Europa Ocidental após a 2ª Guerra Mundial (Estado do Bem Estar Social). A partir dele, foi gerado um núcleo chamado *compromisso social*, que se entende como sendo o equilíbrio entre trabalho e mercado, o qual atingiu seu auge nos anos 70.

### Desagregação social

No início dos anos 70, na Europa Ocidental, surge uma “sociedade salarial” cujos integrantes recebem não só a sua renda, mas também proteção social, através de estatuto, sendo percebida essa metamorfose pela segurança relacionada ao trabalho e não somente à propriedade. Estabelecida a regulação foi possível à sociedade assalariada alcançar o direito a segurança social, o que tornou os cidadãos dignos, mesmo fazendo parte de uma sociedade fortemente hierarquizada, onde cada segmento passa a gozar de um mínimo de garantias e direitos.



Nos últimos anos, pode-se notar uma maior precarização de trabalho e no desenvolvimento do emprego de massa

Um fator que contribuiu, sobremaneira, para por fim ao papel do Estado brasileiro, enquanto elemento cumpridor de tarefas produtivas de conteúdo e compromisso sociais, foi o choque do petróleo nos anos de 1973 e 1979. Nos últimos anos, pode-se notar uma maior precarização de trabalho e no desenvolvimento do emprego de massa. São exemplos os contratos por tempo determinado, os quais têm crescido, denunciando que a precariedade do trabalho está substituindo a estabilidade. Esta precariedade do trabalho é que alimenta o desemprego recorrente, ou seja, a alternância de períodos de atividade com os de inatividade.

Considerando o trabalho o principal fundamento da cidadania

social, o seu desmoronamento e o esfacelamento da relação salarial, no Brasil e em toda a América Latina, vêm relegando verdadeiras massas de desempregados ou subempregados à desagregação social e à miséria, pois bem se sabe que ele é o maior elemento de integração social, ainda que se entenda que o reconhecimento social deva ser baseado em outros suportes, além do trabalho.

No Brasil, a partir de 1997, quando a taxa de desemprego aberto ultrapassou a 7% da população economicamente ativa, teve início uma preocupação do Governo Federal com as tendências crescentes do desemprego. A concentração do volume de empregos, na última década e no início da atual, tem se dado nos

setores de baixa qualidade e qualificação: limpeza, serviços pessoais, construção civil e fabricação caseira, enquanto os empregos que exigem maior qualificação diminuíram e a substituição dos adultos por jovens nos postos de trabalho é decorrência desse processo.

As manifestações do desemprego são várias, podendo ser exemplificadas pelo desemprego aberto e pela perda da “qualidade do emprego”. No caso brasileiro, a “qualidade de emprego” está muito mais ligada às formas de inserção da economia brasileira na nova divisão internacional do trabalho do que na existência de contrato de trabalho, regras de demissão e outras formas de proteção.

A reação às transformações da organização do trabalho, nos países do primeiro mundo, foi a de proteção e garantias aos seus concidadãos (cidadania social).

Na Europa, especialmente na França, na última década, não houve diminuição, nem em número e nem em proporção dos assalariados na população ativa, bem como há uma redução do tempo de trabalho graças à inten-

sificação das lutas sociais, a evolução das tecnologias, etc.

Essa opção reformista não obteve o mesmo sucesso na América do Sul, onde a própria condição de economias dependentes não permitiu que o capitalismo avançasse na conquista plena de direitos sociais. Observa-se, pois, que a “sociedade salarial” resiste melhor e se desenvolve com mais força onde foi implantada há mais tempo, como na França e na Grã-Bretanha. Nos países emergentes ou “em desenvolvimento”, onde se implantou há menos tempo, essa sociedade desenvolve um caráter frágil, parcial e as regulamentações encontram menor resistência, como no Brasil.

### Conclusão

Do exposto pode-se concluir que a globalização, que atravessa todo o planeta, põe a grande maioria da população mundial em uma condição de perdas crescentes, em particular, a brasileira, ainda que a disseminação ideológica seja de que todos ganhem.

A economia global vive uma transformação onde os países periféricos não são mais destinados ao desenvolvimento e sim à área de pobreza

Desde que a ordem liberal seja abandonada, no Brasil organizações “informais” de trabalho poderiam oferecer outras formas de resistências às desregulações e novas possibilidades de defesa. Porém, independentemente dos modos de organização “informais” de trabalho, constata-se que não só no Brasil, mas em toda a América Latina o quadro tem sido agravado por um conjunto de fatores conjugados, inerentes à lógica perversa da reorganização do capital e, conseqüentemente, do trabalho, em escala global.

O papel novo e distinto que assume o conhecimento científico na organização das atividades produtivas faz da revolução científico-técnica um fator determinante na competitividade mundial e na evolução das forças produtivas contemporâneas, cujos processos de automação têm promovido uma redução na estrutura do emprego diretamente produtivo (agrícola e industrial); e um aumento do emprego indiretamente produtivo (serviços), configurando, assim, a chamada “sociedade de serviços”.

A economia global vive uma transformação onde os países pe-

riféricos não são mais destinados ao desenvolvimento e sim à área de pobreza (porque desconectados de maneira forçada do sistema de comércio internacional), onde os investimentos externos são, cada vez mais, decrescentes e de caráter essencialmente especulativo, pois caracterizam-se pela volatilidade na busca de rentabilidade imediata.

Para reverter esta situação faz-se necessário a adoção de um projeto nacional fundado em preceitos éticos e prioridades sociais, que incluam a austeridade dos gastos públicos, refletida em investimentos, prioritariamente, nos setores indiretamente produtivos, pois estes são os maiores geradores de emprego.

Este parece ser o caminho a ser trilhado pelo Brasil, internamente, no sentido da recomposição da oferta de emprego aos patamares exigidos pela sua demanda e, em nível internacional, no sentido da busca de uma inserção mais favorável na divisão mundial do trabalho. No médio e longo prazos, este caminho vem a ser determinante para a reinserção dos chamados excluídos no mercado de trabalho brasileiro, resgatando deste modo sua dignidade e cidadania. ■

1 A sociedade salarial é a sociedade na qual a maioria da população recebe salário.

2 Costa Ribeiro, Luiz. *Reformas, Globalização e Exclusão Social. Conseqüências Econômicas e Sociais da Reforma.*

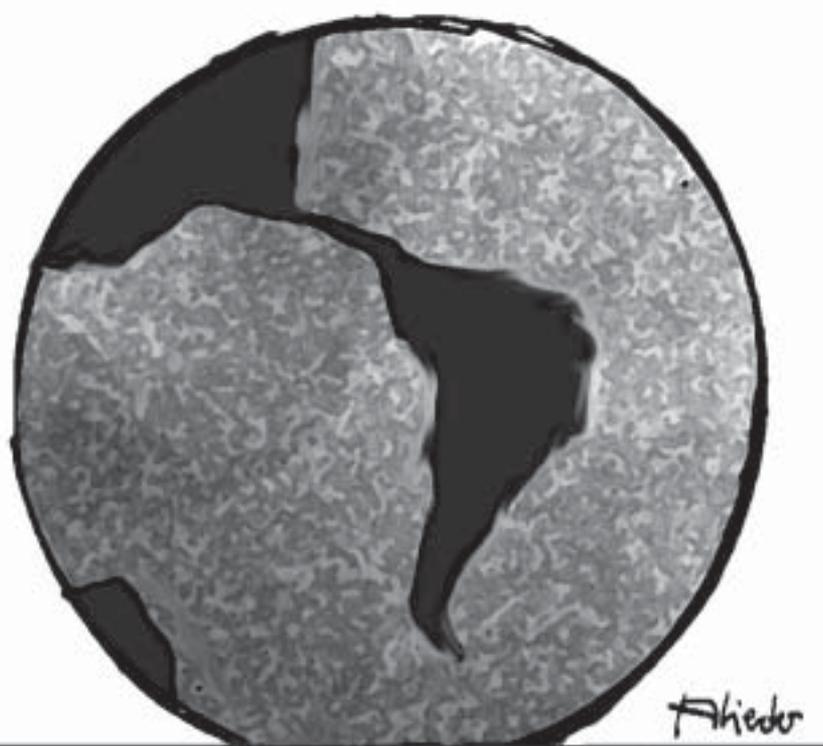
3 Chesnais, François. *A Mundialização do Capital.* Editora Xamã. Cap. I. Decifrar palavras carregadas de ideologia. Pg. 23.

4 Santos, Milton. *Território e Sociedade.* Editora Fundação Perseu Abramo.

5 Castel, Robert. *As Metamorfoses do Trabalho.* Pg. 153.

6 Termo proposto por Cristóvão Buarque.

\* Vania Cristina Azamor Pinto é economista da Secretaria de Estado de Coordenação Institucional – SEPCI, com especialização em Administração Pública.



# Crédito 1 minuto

## Crédito certo a qualquer hora.

- ✓ Rapidez na contratação do crédito
- ✓ Empréstimo liberado pelo Auto-Atendimento, Banrífone ou [www.banrisul.com.br](http://www.banrisul.com.br)
- ✓ Valor, prazo e vencimento das parcelas a escolher
- ✓ As menores taxas do mercado
- ✓ Primeiro pagamento até 35 dias após a utilização do crédito
- ✓ Débito em conta das parcelas
- ✓ Demonstrativo mensal para o acompanhamento das operações



[www.banrisul.com.br](http://www.banrisul.com.br)



Governo do  
Rio Grande do Sul  
FUNDADO EM 15 de Novembro de 1889

ARTIGO DO LEITOR Pedro Paulo Silveira Felicíssimo\*

# Os desafios do comércio internacional

A Conferência Internacional América Latina, Brasil e União Européia Ampliada realizada recentemente, no Rio de Janeiro, contou entre outras presenças com o reitor da UFRJ, Aloísio Teixeira, os embaixadores Samuel Pinheiro Guimarães e Graça Lima, do Ministério das Relações Exteriores, e o economista Renato Baumann, da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal). Na pauta, a apresentação de um panorama do cenário internacional contemporâneo e de sua problemática ante os desafios e perspectivas brasileiras frente às oportunidades oferecidas.

**A** entrada dos 10 novos membros na União Européia (UE), a partir de maio deste ano, trouxe ao debate questões como o acirramento da concorrência e da competitividade da economia brasileira pelos investimentos externos diretos (IED), as transferências de tecnologias e a capacitação de mão de obra qualificada, assim como os investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D).

O retrato mundial, segundo Pinheiro Guimarães, apresenta um quadro brutal de concentrações econômica e política nas mãos de alguns poucos países. Na política mundial, novas competências estão sendo incluídas no âmbito da ONU, sem nenhum questionamento por reformas das cartas e, na área econômica, a globalização acelerada por inovações tecnológicas trouxe o desemprego industrial frente à emergência de tecnologias super intensivas em capital.

De positivo, o esforço concentrado na área internacional pelas normatizações econômica, política e sociais promovidas pelos processos de integrações regionais, responsáveis por um cenário mais favorável à ação dos países emergentes.

As principais questões que se colocam no cenário econômico são as de caráter financeiros, e são inquietantes: o elevado déficit externo e interno norte-americano e a emergência do euro como moeda comercial.

## Tendências internacionais

Para Renato Baumann, da Cepal, os recentes impasses nas negociações multilaterais decorrem da inadequação dos países em de-

envolvimento em capacitarem os seus setores de serviços e de compras governamentais às exigências de abertura de mercados dos países mais industrializados.

Um segundo problema é a incapacidade de regulação dos fluxos de entrada e saída de capitais nos países em desenvolvimento, o que torna vulneráveis os sistemas financeiros e o planejamento econômico de longo prazo.

O terceiro problema é a ausência de articulação conjunta nas negociações internacionais. Ocorre uma atração política pelo bilateralismo, em oposição às práticas multilaterais.

Baumann enumera algumas tendências no cenário internacional que irão nortear os rumos da economia e da política mundial nos próximos anos:

**Relações comerciais USA – Ásia:** o crescimento da economia chinesa surge como fator de desequilíbrio na oferta e na demanda internacionais, em especial no setor de *commodities*. O enorme déficit interno e externo norte-americano vem sendo financiado pelos investimentos maciços do empresariado chinês em títulos do Tesouro dos EUA.

**Questões da segurança internacional e de uso dos recursos energéticos:** fato novo na agenda política, interagindo com o questionamento por mudanças no modelo supranacional.

**Mudança de estratégia do fenômeno transnacional:** o conceito de produção localizada por parte das empresas, a responsa-

bilidade social, a ética, a governança corporativa e o meio ambiente são questões agredidas ao dia a dia do mundo capitalista contemporâneo.

Para Baumann, a solução para o Brasil e para os países em desenvolvimento é acelerar as interações comerciais Sul-Sul com os países asiáticos e desta forma obter maior inserção internacional neste contexto global. ■

\* Economista. Correio: felicissimotrader@yahoo.com.br





# As desigualdades no

Qual é a contribuição de Celso Furtado à teoria econômica, desde o alargamento e o aprofundamento das concepções do economista argentino Raúl Prebisch, sobre as relações centro-periferia na ordem capitalista mundial? Qual a inscrição de suas idéias na prática econômica dos governos brasileiros e qual o papel por ele desempenhado, tanto na compreensão da cultura no desenvolvimento de um projeto nacional quanto na resistência à ditadura militar? São temas aqui abordados, nesta ampla entrevista concedida pelo professor Carlos Lessa ao *Jornal dos Economistas*, dias após sua saída da presidência do BNDES.

A princípio, a idéia era abrir as páginas do jornal para que Lessa escrevesse artigos tanto a respeito de Celso Furtado e de sua gestão no BNDES. Contudo, ele mesmo preferiu pelo formato de entrevista, a qual brindamos neste número especial de fim de ano. Para facilitar a leitura, a edição foi feita em amplos recortes dos temas abordados: Furtado, suas idéias e o Governo Lula e, por fim, o BNDES e os rumos da política econômica do governo atual.

**Jornal dos Economistas** – *Qual a importância do professor Celso Furtado para o pensamento econômico e para a história brasileira?*

**Carlos Lessa** – Bem, o Celso é um fundador de escolas, não só no Brasil como em muitos outros pontos do mundo. Na verdade, o Celso foi, dos economistas da chamada economia política da Cepal (Comissão Econômica para América Latina e Caribe), aquele que converteu a relação centro-periferia em um paradigma de interpretação da histórica da formação econômica, primeiro do Brasil, depois da América Latina. E foi a partir deste trabalho – Formação Econômica do Brasil – que, pela primeira vez, se fez uma interpretação global e dinâmica do desenvolvimento brasileiro. Em certos

aspectos, essas interpretações já foram hoje complementadas, outras foram questionadas. Há, inclusive, uma visão bastante diferente de centro-periferia, porém, todos esses desdobramentos se dão a partir do andaime criado pelo livro do Celso, pois ele foi o alicerce que estruturou a discussão sobre o desenvolvimento econômico brasileiro, quer aqui na Praia Vermelha, na UFRJ, quer na Unicamp, quer nos corredores da USP, na Sorbonne, em Cambridge, etc. É uma obra absolutamente marcante, do Celso.

**JE** – *Podemos dizer que ele rompe com aquela ilusão, que tínhamos ausência de capitalismo quando, na verdade, o que tínhamos era um capitalismo dependente..., periférico?*

**Lessa** – Na verdade, o Celso não usa sequer a expressão de “capitalismo dependente”. A expressão “capitalismo dependente” começou a ser utilizada muito depois dessa primeira safra de “cepalinos”. O que, sim, Celso certamente fez foi pegar um teorema de Prebisch, de centro-periferia, e utilizá-lo como um elemento de suporte principal para entender o desenvolvimento brasileiro, mas o fez já indo muito além do paradigma de centro-periferia. Na verdade, ele é o fundamento de toda a discussão posterior sobre o desenvolvimento econômico do Brasil. De extrema importância do que hoje chamaríamos de projeto nacional, como elemento organizador de vontades e coordenador de ato-

res para promover o desenvolvimento, Celso Furtado teve uma sensibilidade muito especial, muito aguda e até mesmo antecipatória quanto à importância da cultura, como elemento decisivo no processo de desenvolvimento; pelo lado da afirmação da identidade nacional, como elemento chave da construção do próprio projeto, para suporte ao projeto, Celso Furtado foi um vigilante permanente, anos a fio, de tudo o que ia acontecer na economia brasileira. Eu não sei, mas acho que ele deve ter publicado, talvez, uns 12 ou 15 livros em que os temas fundamentais são as questões que vão se colocando para o desenvolvimento brasileiro, que formam um conjunto, uma reflexão extremamente com-

# Brasil: um traço de longo prazo



pleta e quase que exaustiva sobre o desenvolvimento brasileiro. Ele examinou com lentes as transformações da agricultura, ele opinou sobre a mudança das relações comerciais no mundo, sobre a transformação da produção industrial; ele foi, na verdade, caminhando tema sobre tema, ao longo daquela sucessão de livros que publicou no final dos anos 60, anos 70 e início dos 80 e que é uma contribuição da maior importância para reconstituir todo o debate, toda a perplexidade que houve quanto à economia brasileira nesses anos. Esse é o lado dele como acadêmico, mas tem o lado dele como homem público, onde eu pessoalmente acho que foi muito importante a coordenação que ele teve do compromisso Cepal-BNDES, que deu uma espécie de, digamos, fundamento ao Plano de Metas de Juscelino. Posteriormente, o mesmo Juscelino o convidou para organizar o grupo de desenvolvimento do Nordeste, do qual saiu a Sudene, e que foi no seu tempo uma experiência extremamente avançada de articulação para o desenvolvimento regional. E o papel que Celso Furtado teve nas lutas

contra o autoritarismo, em que ele se alinhou na linha de e da frente emedebista (do então MDB), desde o primeiro momento, tendo sido uma das pessoas relevantes na transição da democracia.

**JE** – *O professor Celso Furtado foi o nosso primeiro ministro do Planejamento e ele escreveu posteriormente um livro muito interessante, que é “Brasil, a construção interrompida”. Essa dificuldade de mudança, que temos, no Brasil, é devida ao atraso das elites? Como entender e o que caracteriza essas resistências e dificuldades para empreender mudanças?*

**Lessa** – Na verdade, eu diria que o Brasil tem alguma coisa de muito recorrente em sua história. Sendo ou não dinâmico nas suas transformações, reproduz a cada movimento as configurações do passado. É um pouco como se tivessem traços que são permanentes na vida brasileira. O Braudel (Fernand) diria “traços de longo e longo prazo”, como, por exemplo, as extremas disparidades da sociedade brasileira. Elas vêm se reproduzindo desde o século 19, cada vez em uma economia mais complexa, de maior porte, mas reproduzindo disparidades bru-

tais, as mesmas, e não se vê nenhuma tendência à mudança. Agora, em termos de distribuição espacial da população há uma mudança radical. Em 1920, o país tinha 16% da população nas cidades; hoje têm mais de 80%. Em termos de agricultura, as transformações são também absolutamente impressionantes; na indústria houve até, recentemente, um retrocesso, mas a industrialização nos levou a ocupar, em um certo momento, um dos 10 primeiros lugares no ranking mundial de produção industrial. Transformações, certamente, muito importantes na base produtiva, porém, nos padrões de organização social sempre reproduzindo estruturas muito perversas.

**JE** – *O professor Celso fez uma observação muito importante, a de que o Brasil só conseguiu crescer com concentração de renda. Por que isso?*

**Lessa** – Acho que a explicação para um fenômeno desse tipo é muito mais complexa do que se possa resolver com uma resposta muito pequena. Basicamente, diria que em um corte sociológico – elites/povão – as elites brasileiras tiveram ao longo dos sucessivos momentos históricos astúcia suficiente para manter os recursos do poder em suas mãos, quer dizer, não compartilhar os recursos do poder; lograram manter um controle estrito sobre esses recursos. Acho que isso é realmente impressionante quando se vê o processo autoritário, quando um pedaço importante da elite resolveu ir para a democracia e começou a tirar apoio da sustentação do regime militar. A transição se deu via eleição indireta, e não se deu por um proces-

so de contraposição de posições. Ela se deu por uma negociação no interior das forças que compunham o sistema dominante da sociedade, praticamente não houve incorporação. A tal ponto que foi preciso, por exemplo, Antonio Carlos Magalhães virar herói democratizante, porque brigou com Maluf, tendo sido antes um operador especial do regime autoritário que se converteu numa grande liderança da transição. Aí vem a Constituição cidadã de 1988 que, pelo menos, no papel, estaria estabelecendo uma avenida para o avanço social. Como é que começa o movimento das elites? Primeiro instaura-se uma crise recessiva, recorrente, que coloca o fantasma do desemprego sobre as pessoas, e que é um elemento que tem um componente de caráter intimidatório. Mas tem uma outra coisa muito mais séria que é a campanha sistemática para desqualificar a cidadania política. É o discurso sistemático que diz que o político é corrupto, é inútil, é um esperto que vai para aquilo para se dar bem, que constrói na opinião pública o seguinte: o seu direito de voto não adianta, o que você faça vai produzir uma classe detestável, que são os “políticos”. Então, se institui a ordem democrática e se desqualifica o mecanismo de representação. Desqualifica o exercício do voto como instrumento de mudança social. Isso foi feito nos anos 90 e vem sendo feito diariamente com grande competência. Eu acho que as elites brasileiras, as elites no poder, são extremamente competentes em manter o poder sob controle. E é isto que explica essa estrutura de distribuição tão desigual que tem aí.

especial  
Carlos Lessa



## Governo Lula: a força da estratégia do deserto

**JE** – Nesse aspecto, o senhor recolocaria a afirmação feita em sua despedida do BNDES, de que as elites estão enganando o Presidente Lula ou será que esta é uma opção do presidente da República?

**CL** – O que eu acho é que o Presidente Lula está iludido pelas elites, quanto a um determinado discurso. Acho que o Presidente está convencido que o país irá obter, a partir do estrangulamento fiscal e da geração financeira,

O Brasil já tem dentro de si praticamente filiais de todas as grandes matrizes estrangeiras, das principais potências do mundo, e se não estão investindo não é porque lhes falte convite é porque não há crescimento



ao final ser uma economia sadia. Ele está convencido disso. Acho que não é uma atitude de traição, é uma ilusão. E é uma ilusão que não é muito difícil de entender, para quem maneja uma metáfora médica. Veja bem, como todo médico sabe que para chegar à terra prometida da saúde você tem que atravessar, o que? Você tem de tomar medicamentos, fazer uma cirurgia. No primeiro caso pode ter seqüelas, no segundo vai ficar debilitado. Ou seja, sempre se caminha pelo deserto após a terapia e, no final, se chega ao paraíso que é a terra da saúde. Eu tenho a impressão que esse modelinho singelo é o que foi vendido ao presidente. Ele acha sinceramente que essa política de superávit fiscal colossal, taxa de juros lá em cima vai nos condu-

zir à terra prometida, do crescimento auto-sustentável, etc. Acho que ele está iludido nisso, mas está iludido em uma outra coisa, mais importante, acho eu: é a idéia de que vai obter uma cooperação dos investidores estrangeiros, em grandes volumes a serem investidos no país. Essa é uma ilusão mais séria, porque, em última instância, o Brasil já tem dentro de si praticamente filiais de todas as grandes matrizes estrangeiras, das principais potências do mundo, e se não estão investindo não é porque lhes falte convite é porque não há crescimento. Só se mexem quando há crescimento. Eu não acredito que exista um caudal generoso de investimento exterior que vá ajudar a apressar a caminhada no deserto, seguindo com a metáfora. Então, é uma dupla ilusão: a de que há uma terra prometida e a de que haverá uma cooperação para tornar a jornada menos ingrata. Esse é o discurso que seduziu o presidente, e eu acho que é uma ilusão.

**JE** – Por que idéias como as do professor Celso Furtado, por quem Lula tinha uma grande admiração, não são seguidas? O que nós podemos considerar dos ensinamentos de Celso Furtado para o Brasil de hoje? O que é aplicável?

**CL** – Bom, aí é muito extensa a lista de lições de Furtado e elas percorrem variadíssimas dimensões. Furtado, como qualquer economista treinado, sabia perfeitamente a importância decisiva que tinha a taxa de investimento, do ponto de vista macroeconômico, a importância decisiva da estrutura de financiamento da formação

interna de capital, a importância decisiva que tinha uma articulação entre os principais atores da economia e o próprio Estado – a visão de planejamento de Celso Furtado não é um planejamento mecânico, mas é um planejamento relacional, de parceiros do jogo. Celso tinha muito claro as espantosas dificuldades que uma economia, como a do Brasil, enfrenta para abrir caminho numa economia mundo, ou seja, os problemas que se colocam no comércio exterior. Eu acho que o Celso é uma fonte de referência para o entendimento de todas essas restrições e alternativas com que o país cresceu. O problema não é esse, o problema que você estaria perguntando é o seguinte: por que Lula não se inspirou em Celso Furtado? Aí eu não sei, sinceramente eu não sei responder. A impressão que eu sempre tive é que o Presidente Lula sempre apostou, o tempo todo, na existência de mais de uma estratégia. Já haveria uma estratégia, vamos dizer, estabilizadora, de caminhada pelo deserto, mas haveria uma outra estratégia, refundadora da idéia de desenvolvimento com inclusão social. Eu acho que ele apostou, de certa maneira, nessa segunda linha também. Assim é que eu consigo explicar a minha permanência durante quase dois anos no governo e de uma porção de outras pessoas que também operam com uma visão deste tipo. Além de uma quantidade enorme de esforços objetivos que o Governo Lula faz, em termos de inclusão social. Têm aí algumas dimensões muito claras deste esforço, como o Pronaf (Programa Nacional de Agricultura Familiar); o de restabelecer,

mesmo que, em uma escala ainda pequena, os investimentos que estão em encaminhamento; um esforço expressivo de “bançar” as pessoas, fazendo com que elas passem a ter uma espécie de carta de cidadania na Caixa Econômica, ganhando uma conta pequenininha – mas é impressionante o sucesso disso para as pessoas; na verdade, há uma série de dimensões e se percebe a preocupação do Governo Lula de mover, junto com aquela estratégia do deserto, outras estratégias que fossem abrindo janelas para o futuro.

**JE** – *E qual estratégia predomina?*

**CL** – O problema é que a força da estratégia do deserto é tal que ela fecha janelas para o futuro das outras, cancela futuros – este é o problema. Porque inclusão social, por exemplo, é certamente ligada à história do emprego. Nós temos quantos desempregados? Estatisticamente sei que são 12 milhões, mas, provavelmente, tomando por exemplo o desemprego disfarçado há talvez um quarto da população brasileira desempregada. Como fazer inclusão social com essa população toda? Como os incluir nos benefícios da economia, da sociedade? Não é com o Bolsa Família, não é com essas formas de atuação das pessoas. É necessário criar para eles uma forma de obter renda estável, permanente, digna, suficiente, plenamente garantida, etc., e isto exige emprego, e emprego de qualidade, no sentido de se ter carteira assinada. Quer dizer, precisaria gerar por ano, pelo menos, dois milhões de empregos, para não aumentar o estoque de desempregados, em termos absolutos. Não sei quantos empregos estão sendo gerados, neste ano, creio que são quase um milhão e 800 mil, e se for mesmo este número, neste ano, é um volume realmente expressivo.

**JE** – *Insistindo nas idéias de Celso Furtado, será que no campo político, na política, nos faltou alguém com essa mesma competência que ele teve na economia para desvelar e desvendar essas realidades intrínsecas? E mais: o professor Celso Furtado viveu quase que toda a sua vida sem que tivéssemos, no Brasil, mais do que duas décadas de exercício da democracia, tal qual a estamos hoje exercitando. O exercício rotineiro e persistente da democracia tende a superar essas astúcias das elites que o senhor apontou antes?*

**CL** – O que eu tenho percebido até o momento é que o chamado exercício persistente da democracia tem levado a elite a aperfeiçoar suas estruturas, suas táticas. Sem dúvida nenhuma a tem levado a sofisticar as táticas. Eu acho que essa sofisticação atual da desqualificação sistêmica e sistemática da atividade política é uma astúcia realmente terrível: se procura associar ao quadro democrático, à ordem democrática, a corrupção, quando, na verdade, já é uma vitória da democracia estar se explicitando e começando a combater a corrupção com maior eficácia. São inversões muito competentes feitas pelas elites. É muito complicado. Você tem conversado com o pessoal do povão sobre o modo como eles estão vendo as coisas? Eles tiveram uma sensação muito forte de desesperança e de perda de confiança na classe política, e isto é terrível. Você fez uma observação curiosa: tivemos nós, na ciência política, alguém que tenha feito uma interpretação compreensiva e histórica da evolução das nossas estruturas políticas? Eu acho que não. Se bem que nós tivemos cientistas políticos que exploraram com competência variadas dimensões da dinâmica política brasileira. Mas eu acho que essa síntese que fez o Celso Furtado, não. Até porque, até onde eu sei, nós não dispo-

mos no cenário nosso de nenhuma teoria do poder equivalente à economia política da Cepal – não se tem uma construção teórica. Talvez, a mais avançada nesse sentido tenha sido a teoria da dependência, que é uma tentativa de fazer uma transliteração para a sociologia política da economia da Cepal, que foi o trabalho do próprio Fernando Henrique Cardoso com o Enzo Falleto. Apenas isso. Tem-se uma literatura muito grande, mas fragmentos do movimento crítico na sociedade ou os impactos que esse movimento gera. Não se tem uma teoria geral, pelo que eu saiba não.

**JE** – *Sendo assim, a tendência das idéias do professor Celso Furtado é de elas ficarem como referência na academia ou há espaço para elas serem aplicadas na vida, na economia real?*

**CL** – O lugar de Celso na Academia é garantido. Eu diria que na hora em que tivermos mini-

mamente reforçando um projeto de desenvolvimento o Celso volta a ser atual, pela imensa importância das contribuições que ele deu no passado. No quadro de uma releitura imediata das sugestões que ele apresentou, só quando a discussão do projeto nacional estiver avançada. Falta, principalmente, adesão a algumas idéias que eu acho que poderão se reproduzir, idéias como a inclusão social, a que taxas devemos fazer o emprego, a que taxas devemos fazer crescer a massa de salários, qual a repartição funcional de rendas que devemos perseguir, como e quando? Sem dúvida nenhuma não é a participação que hoje o salário tem na renda que vai nos permitir construir um modelo de sociedade integrada. Vai ser necessário alterar significativamente esse padrão de repartição funcional, mas isso nós não discutimos ainda. Eu acho que a discussão nem começou.

Sem dúvida nenhuma não é a participação que hoje o salário tem na renda que vai nos permitir construir um modelo de sociedade integrada



especial  
Carlos Lessa



## O BNDES, o Governo Lula e as mudanças que tardam

**JE** – O Presidente Lula disse um veemente não às pressões que sofreu de seus próprios pares, ministros da ala desenvolvimentista, a respeito de mudanças na economia, e ele justificou exatamente os resultados mais recentes, como o aumento do PIB, da taxa de investimentos, da formação bruta de capital fixo, etc. O que o senhor acha?

**CL** – Evidente que o desempenho da economia neste ano reforça a convicção do Presidente Lula de que ele escolheu o caminho certo. Isto é inquestionável. Agora, qual é a sustentabilidade desse movimento? Na cabeça do presidente depende muito do aporte de investimentos significativos do exterior. Eu, enquanto presidente do BNDES, não pude perceber isso, e nem grandes projetos das empresas nacionais. Eu tive uma resposta muito

positiva por parte das pequenas e médias empresas, que cresceram significativamente neste ano, em consultas e liberações de recursos - mais de 30% - o que é um crescimento vigoroso. Das grandes empresas a resposta foi muito pequena, muito modesta, à exceção de quando já estava quase saindo do banco os primeiros sinais positivos começaram a acontecer na área da siderurgia, com projetos de expansão da capacidade, que vão provavelmente se confirmar sob a forma de projetos amadurecidos.

**JE** – E por que isso?

**CL** – Se pegar os dados, vai se ver uma coisa muito interessante. A indústria de bens de consumo não duráveis não cresce; cresce a indústria de bens de consumo duráveis. E aí fica aquela pergunta: como é que se explica esse crescimento dos bens de consumo duráveis? Eu já ouvi várias explicações e tentativas de explicações e a que me pareceu mais consistente é a de que se introduziu e generalizou-se o desconto em folha; e o desconto em folha representa, para aqueles que passam a tê-lo, uma redução do serviço financeiro que era pago à agiotagem - que era pós-folha, cheque pré-datado, etc. - e que teria desonerado um vasto segmento de pessoas que têm carteira assinada. É bastante plausível essa explicação, se bem que a mais provável é que com a elevação da taxa de juros se aumenta de maneira significativa o nível de renda de certos segmentos da sociedade, parte dos quais vai à procura de mercadorias sofisticadas. Mas eu não conheço as desagre-

gações, por exemplo, nos automóveis, para ver quais os tipos que vendem mais, que vendem menos, para se ter uma indicação por aí. Mas seria uma coisa interessante.

**JE** – As pesquisas tanto do IBGE quanto do Dieese, em São Paulo, apontam a mesma realidade: cai a taxa de desemprego, mas também cai a renda do assalariado. Isso reforça a questão da ausência de sustentabilidade do atual ciclo de retomada da economia?

**CL** – Evidente que a massa de renda relativa se contrai, mas não cai o volume global de renda; apenas cresce menos proporcionalmente, cai a renda média. A sustentabilidade para a indústria de bens de consumo não duráveis - alimentos, tecidos, brinquedos, etc. - vai depender fundamentalmente da massa salarial. Se a massa salarial crescer, mesmo que a renda média caia, cresce o volume de venda desses setores. Mas continua muito medíocre em relação aos outros setores, como os duráveis, e tem obviamente as exportações que vêm crescendo a taxas expressivas, não dá para assegurar o crescimento da economia, mas, sem dúvida nenhuma, é um elemento razoável de ampliação de mercado.

**JE** – O senhor falava da falta de grandes projetos da indústria. O senhor deixou o banco sob grandes críticas da imprensa aludindo a problemas de gestão, de gerenciamento, e gostaríamos de abrir um espaço para a discussão sobre essas críticas.

**CL** – Eu confesso que nunca conseguí entender a natureza dessas críticas. Veja bem, o BNDES



A sustentabilidade para a indústria de bens de consumo não duráveis - alimentos, tecidos, brinquedos, etc. - vai depender fundamentalmente da massa salarial

tem mil técnicos e 600 a 700 auxiliares, não houve aumento do número de técnicos do banco. O orçamento que recebemos da administração Fernando Henrique foi de R\$ 33 bilhões, que executamos integralmente e terminamos com um lucro nominal, não real, recorde. Neste ano de 2004, como falávamos de espetáculo do crescimento, propusemos um crescimento de 42% do orçamento em relação ao ano anterior. Então, partimos esse ano para executar um orçamento de R\$ 48 bilhões...

**JE** – *Mas era um orçamento de vocês ou houve influência do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, que teria pedido um orçamento maior...?*

**CL** – Não, não é verdade. Não houve isso. Teria havido uma conversa entre o meu vice-presidente (Darc Costa) e o ministro Luiz Fernando Furlan (da Indústria e Desenvolvimento), não o Palocci, a respeito do tamanho desse aumento, mas eu fui inteiramente favorável a propor um aumento significativo. Desse aumento, acho que o BNDES vai terminar o ano executando algo provavelmente entre 87% e 88% do total do orçamento, o que vai permitir executar algo entre R\$ 41 bilhões a R\$ 42 bilhões, isto é, mais de 20% de crescimento em relação a 2003. E, neste ano, o BNDES vai ter um lucro real recorde, o maior de todos os tempos, então, não sei onde tem problema de gestão, não consigo perceber. Pelos critérios mais banais, de divisão de aplicações pelo número de técnicos, por exemplo, cresceu a produtividade dos técnicos, tanto que estamos propondo para o ano que vem um orçamento de R\$ 60,8 bilhões, proposta que construí para o ano que vem. Então, esse problema de gestão é inteiramente infundado e a imprensa

Prefiro correr o risco Petrobras ao risco banco de vocês. Eu acho mais sólido a operação direta com a Petrobras. Mas isso é imperdoável, na lógica dos grandes bancos

sistematicamente bate nisso e eu tenho a impressão de que é uma tentativa de esconder uma outra coisa: o que incomodava certos setores conservadores da imprensa não era a gestão do BNDES, que foi brilhante, mas a natureza das ações que fizemos. Vendo de outra maneira, nós incomodamos não por má gestão, mas pela eficácia do que conseguimos fazer, do tipo, mudar a natureza das garantias e forçar as empresas a darem garantias nas operações conosco, elevando a exigência dessas garantias, principalmente, das filiais estrangeiras, exigindo que as matrizes dessem garantia sobre as operações. Isso foi tratado como insultante. Houve queixa da Câmara Americana de Comércio. Houve também, sem dúvida nenhuma, uma mão muito mais dura nas cobranças de débitos com o BNDES. Fomos particularmente duros com algumas grandes operações que vieram de carteiras de privatização, que estavam em aberto, roladadas, e nós trancamos a rolagem e passamos a cobrar a liquidação. A mais espetacular delas foi a da AES, que deu origem à Eletropaulo, com o controle de uma empresa chamada Brasileira, onde o BNDES passa a ter 49% das ações; ou questões como a compra que fizemos daquele lote de ações da Vale do Rio Doce, que deu um lucro colossal ao BNDES e gerou uma irritação brutal em certos segmentos localizados que eu acho que esta-

vam esperando fazer uma operação de desnacionalização da Vale, esperando convertê-la em uma empresa nipo-brasileira e, como tal, escapando da soberania nacional o controle da Vale do Rio Doce. Ações desse tipo acho que incomodaram muito, como também deve ter incomodado muito se ter tirado os grandes bancos dos sindicatos das grandes operações. Nós queremos que os bancos operem conosco em linha de capilaridade com a pequena e média empresa, que foi a proposta original de criação dos agentes financeiros, e não como sócios do BNDES em grandes operações com a Petrobras, com a Embraer, e isso irritou muito...

**JE** – *Explica melhor um pouco essa questão.*

**CL** – O negócio é o seguinte: o BNDES sempre operou com agentes financeiros, que são os bancos brasileiros, grandes, médios, pequenos – atacado, varejo, oficiais, privados; esses bancos todos, que são 189 agentes, são a maneira pela qual o BNDES capilariza os seus empréstimos. Por ano, o Banco deve fazer algo entre cento e tantas mil operações, das quais, umas 500 são feitas diretamente com o BNDES e o resto é feito via agente. Só que nas administrações passadas começaram a se constituir bancos, conjuntos de bancos dividindo operações com o BNDES. Por exemplo, a Petrobras está fazendo uma rede de gasoduto: aí en-

tram, junto com o BNDES, quatro ou cinco bancos. Na verdade, quando eu desmanchei essa operação eu disse: olha, prefiro correr o risco Petrobras ao risco banco de vocês. Eu acho mais sólido a operação direta com a Petrobras. Mas isso é imperdoável, na lógica dos grandes bancos. Era como se eu tivesse tirando um filé mignon que eles já tinham se apropriado. Eu acho que são essas razões de fundo, de uma acusação de má gestão que não se sustenta.

**JE** – *O senhor não vê uma tentativa de desqualificar a sua gestão com isso?*

**CL** – Eu suponho que sim. Não posso afirmar categoricamente porque eu não tenho a evidência, mas eu tenho a intuição que nós, do BNDES, somos muito mais atacados pela nossa eficácia do que por alguma ineficiência. Eficácia aí, como uma visão desenvolvimentista, visão mais nacionalista do que as anteriores, mais rigorosa dos interesses públicos, certamente foi por causa disso. E se criou muito barulho por causa disso. É impressionante a quantidade de ruídos que a imprensa conseguiu fazer em torno desse assunto. A própria imprensa publica uma variedade enorme de enfoques. Havia edições em que nos atacavam em uma coluna e nos exaltavam em matérias internas, exatamente contrárias ao que as colunas publicavam. Era um pouco como se houvesse um conjunto de interesses mobilizados em bater sistematicamente na nossa direção.

**JE** – *O filósofo Michel Foucault tem uma tese que diz o seguinte: onde há poder há resistência, e a resistência fala mesmo através do silêncio, das lacunas, ou dessas matérias que os repórteres conseguem publicar nas páginas dos jornais, que desmentem os colonistas...*

**CL** – Isso foi muito sintomático, pois eu abria as páginas dos

jornais e tinha a matéria falando do grande feito, e eu acho que o Lula foi muito envenenado por esse tipo de reiteração.

**JE** – O senhor não acha que ele fez a opção, não?

**CL** – Não sei se ele fez a opção definitiva...

**JE** – O professor Luiz Gonzaga Beluzzo (da Unicamp), no dia seguinte à sua demissão, afirmou: “eles ganharam, mas não levaram”.

**CL** – Eu também acho isso e acho que se a minha previsão estiver correta vão começar a bater muito no Mantega...

**JE** – Olhando para o horizonte do nascer do sol, para onde estamos indo?

**CL** – Eu sou otimista por modo de ser, e acho que a história está sempre aberta, sempre abre janelas. Acho que o povão nosso é uma variável admirável, e que não apresentou todas as suas potencialidades ainda e acho que contém dentro de si muito mais futuros do que imaginamos. Eu tenho visto coisas ligadas à área popular que realmente me impressionam muito. A começar pelos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, absolutamente impressionantes. Está se construindo nos acampamentos do MST uma geração de líderes; eles organizaram escolas, centros de discussão. Eles estão cada vez mais sofisticados, e eu fico muito bem impressionado com a qualidade das representações sindicais de São Paulo, a habilidade dos negociadores, que tive oportunidade de acompanhar, e acho que isso está criando musculatura. Estive no Rio Grande do Sul e vi a cooperativa Aurora, que estava quase quebrada, recuperar-se, e são mil duzentos e sessenta e tantos proprietários, cada um com menos de cinco hectares de uso, e é a maior produtora de uva do Brasil.

**JE** – O senhor fez um discurso extremamente otimista no Dia do Economista (13 de agosto), no Corecon-RJ, e agora o senhor fala da astúcia da elite. Como fica?

**CL** – Sim, eu não sei, acho que vamos ter de discutir. Mas eu acho que os partidos políticos progressistas vão ter que fazer um discurso forte dizendo que a representação política é necessária e de que não há nada mais poderoso para a gente do que o voto. Mas tenho a impressão de



Acho que temos que fazer um esforço por equipar as Forças Armadas brasileiras, principalmente, em relação à Amazônia, fazer a ocupação territorial em certas áreas de fronteiras na Amazônia

que um pedaço dos partidos progressistas ainda não está convencido de que o voto é chave.

**JE** – Não será porque terminamos reféns da maioria do Congresso Nacional, que é conservadora?

**CL** – Eu acho que o povo brasileiro tem dentro de si um projeto de socialibilidade, que eu acho que é muito vigoroso. Eu tenho a impressão que vamos ter que enfrentar umas grandes discussões, discutir o nacional e o popular, e como é que se articulam

os dois temas entre si. Porque a questão nacional não pode ser tratada fora da questão popular e a questão popular não pode, de maneira nenhuma, ser tratada sem enfrentar a questão nacional. Há que discutir as duas questões, num mesmo movimento. Eu estou me propondo, modestamente, a levar essa discussão à frente.

**JE** – Quando o senhor falar em nacional popular, o que é?

**CL** – Nacional para mim é mui-

deixar os estoques reguladores de sementes, muito menos de alimentos. Hoje em dia não temos estoques reguladores de alimentos e as sementes estão concentradas em poucos fornecedores estrangeiros, o que é perigosíssimo para uma economia como a nossa. Algumas economias são estratégicas e devem se mover a partir do interesse nacional, caso Petrobras, caso Vale Rio Doce. São empresas que por suas características tomam decisões que afetam o país como um todo, por isso não podem tomar decisões sem ter claro qual é o interesse nacional na questão. A Vale do Rio Doce é um assunto que nós tivemos o tempo todo trocando uma queda de braço, porque para nós a Vale tem, sim, que ser coadjuvante importante nos investimentos siderúrgicos, enquanto a Vale quer ser apenas uma vendedora de minério de ferro. Nós achamos que o Brasil pode ocupar uma posição chave, no futuro, no mercado mundial de produtos siderúrgicos. São alguns exemplos. Acho que o Brasil não pode abrir mão da indústria de defesa, tem que mantê-la, principalmente aquelas empresas que conseguem ter uma relação com a indústria civil em que podem operar tanto para um quanto para outro lado. Acho que temos que fazer um esforço por equipar as Forças Armadas brasileiras, principalmente, em relação à Amazônia, fazer a ocupação territorial em certas áreas de fronteiras na Amazônia.

**JE** – E o papel do investidor estrangeiro?

**CL** – É um papel de coadjuvante, subordinado ao interesse nacional. Tem setores em que ele entra com banda de música, mas tem setores em que acho que a presença dele pode ser questionada e até reduzida. ■

FÓRUM POPULAR DE ORÇAMENTO

# As contradições do Orçamento do Rio

Em continuação à análise da Proposta Orçamentária para 2005, do município do Rio, abordamos alguns pontos, separados em tópicos, onde destacamos programas que aumentam metas físicas de atendimento reduzindo as receitas

## Merenda Escolar

A quantidade de refeições a serem servidas, em 2005, aumentou em 3 mil em relação a 2004 e 2003, atingindo um total de 109,284 milhões. Já o valor orçado ficou em R\$ 84.108.656 para um total de 763.252 alunos. Desta forma, a quantidade de refeições por aluno será de 143,2 e o custo por aluno, de R\$ 110,20; custo por refeição: R\$ 0,77.

## Assistência Social

Para 2005, duas atividades da Secretaria de Assistência Social possuem o objetivo de atender pessoas em situação de rua, em um somatório de 4,3 mil. A fim de realizar estas ações, foi estabelecida uma dotação de R\$ 9.457.900 sendo um pouco mais de R\$ 8 milhões originários da própria prefeitura. O custo médio por pessoa atendida é de R\$ 2.199,51.

Já o Programa “Bolsa Alimentar”, da mesma Secretaria, pretende atender 85 mil famílias, com dotação de R\$ 10.642.500 do próprio município, representando um custo de R\$ 25,20, por família atendida. Em relação a 2004, paradoxalmente, houve um aumento de 20 mil na quantidade de famílias atendidas e uma

diminuição de R\$ 2,5 milhões na dotação destinada ao programa.

## Obras

O Projeto de Urbanização de Comunidades Carentes – Rio Comunidade – da Secretaria Municipal de Obras pretende beneficiar 2.041 comunidades. Para isto, dispõe de uma dotação de R\$ 2.590.000, proveniente de *royalties* do petróleo. Em 2004, a previsão de comunidades beneficiadas era inferior em 2 mil e a dotação destinada superior em cerca de R\$ 2 milhões.

## Jogos do Pan

O Programa de Trabalho “Construção de Unidades Esportivas e de Lazer” propõe construir 21 unidades esportivas. Dentre estas Vilas, estão a de Vila Isabel, Caju, Gamboa e de Mato Alto. Para isto, conta com uma dotação de R\$ 11.021.330.

A atividade “Manutenção e Funcionamento de Unidades Esportivas”, cujo objetivo é desenvolver atividades esportivas nos centros esportivos, possui a meta de atender 74,64 mil crianças e jovens carentes, com a dotação de R\$ 22.186.232.

O Programa de Fornecimento da Bolsa-Esporte, cujo objeti-

vo é incentivar o aluno da rede pública municipal a praticar esportes, pretende beneficiar 5,7 mil alunos e conta com uma dotação de R\$ 200 mil, resultando em um benefício médio por aluno/ano de R\$ 35,00.

Em relação ao Pan-Americano, a proposta estabeleceu para a rubrica “Jogos Pan-Americanos 2007”, cujo objetivo são ações preparatórias para a realização dos Jogos, uma dotação destinada exclusivamente aos investimentos de R\$ 81.631.170, cerca de 51 milhões de reais a mais do que a dotação aprovada pela Lei Orçamentária Anual para 2004. Estão previstas a construção de 4 Unidades Esportivas e 2.000 unidades habitacionais.

## Creches

O projeto “Obras e Equipamentos para Unidades de Educação Infantil” da SME prevê a construção, ampliação ou reforma de 116 creches. A dotação destinada a essas ações é de R\$ 4 milhões. Já a Atividade “Revitalização da Educação Infantil” que possui objetivo de “ampliar e qualificar o atendimento a crianças de 4 a 5 anos e 11 meses” pretende ampliar 12 mil vagas com uma dotação de R\$ 42.396.160.

## Propaganda e Publicidade

Em substituição à Secretaria Especial de Projetos Especiais, foi criada a Secretaria Especial de Publicidade, Propaganda e Pesquisa, cujos objetivos são: planejar e integrar ações de publicidade e propaganda, com órgãos e agentes do Sistema Municipal de Comunicação Institucional; coordenar o Sistema de Ouvidoria do Poder Executivo Municipal; coordenar as decisões de quaisquer órgãos da Prefeitura, referentes à pesquisa de opinião e avaliação da administração municipal. A dotação total estipulada para esta Secretaria é de R\$ 1.398.000, sendo a maior parte destinada ao pagamento de pessoal e encargos sociais. Ademais, a rubrica “Propaganda e Publicidade”, do gabinete do prefeito, acompanhada pelo Fórum ao longo de 2004, contará em 2005 com uma dotação de R\$ 2.816.657.

Contudo, podemos observar, pelos tópicos expostos, que alguns projetos apresentam um paradoxo, ou seja, quando aumenta a meta física diminui a dotação prevista ou vice-versa, em relação aos anos de 2004 e 2005. A partir dos dados acima acreditamos que o leitor poderá avaliar os critérios para a mensuração dos dados orçamentários. ■

# Manifesto dos Economistas estará no FSM

**N**a última semana de janeiro de 2005 será realizado, em Porto Alegre (RS), a quinta edição do Fórum Social Mundial, que terá várias novidades, desde a transmissão de um programa radiofônico, distribuição de bolsas de algodão produzidas pelos empreendimentos de economia solidária, dezenas de oficinas e debates sobre temas relacionados a uma outra globalização, solidária e participativa, além da presença de milhares de participantes de várias partes do mundo.

Os economistas levarão ao FSM o Manifesto dos Economistas, assinado por cerca de 400 profissionais e lançado no último dia 29

de novembro. O texto alerta para o fato de o Governo Lula, eleito pela esperança popular, estar adotando a mesma política econômica que os movimentos populares têm combatido ao longo das duas últimas décadas, chamando a atenção para as conseqüências que tais políticas terminam resultando, no médio e longo prazo, e que sempre recaem sobre as condições de vida dos trabalhadores.

Antecedendo o Fórum de Porto Alegre, acontecerão diversos fóruns regionais, como o Fórum Europeu, na Segunda quinzena de dezembro, e o Fórum Amazônico, que será realizado em Manaus, uma semana antes do encontro principal na capital gaúcha. ■

## Fórum Popular de Orçamento lança programa de TV

O Fórum Popular de Orçamento do Rio lançou, no início do mês, dois filmes de tevê da série De Olho no Orçamento, produzido pela Ong Políticas Alternativas para o Cone Sul (Pacs), em parceria com o Fórum Popular do Plano Diretor do Rio e a participação do Fórum Popular de Salgueiro, município de Pernambuco, Centro de Cultura Luiz Freire (PE), Fórum Brasil Orçamento, Ibam, Campanha Jubileu Sul América e Campanha da Auditoria da Dívida Externa.

Várias entidades do movimento popular estiveram presentes e o FPO divulgou suas atividades, destacando a importância de que, cada vez mais, as entidades da sociedade civil debatam o Orçamento dos governos e exercitem o papel de fiscalização e, se possível, de influência nas atribuições dos gastos e investimentos. Além dos filmes, foi lançada também a publicação Superávit Primário, pelo Fórum Brasileiro de Orçamento.



## Por um novo desenvolvimentismo

Foi lançado, no início deste mês, na Câmara dos Deputados, em Brasília, o livro "Novo desenvolvimentismo", organizado pelos professores João Sicsú, da UFRJ, Luiz Fernando de Paula, da UERJ, e Renaut Michel, da Candido Mendes.

O livro contém artigos de vários economistas, entre os quais Paulo Nogueira Batista Jr., Cláudio Salm, Leda Maria Paulani, Fernando Cardim, Maria de Lourdes Rollemberg Molloy, e uma David Kupfer, Fabio Hideki Ono, e apresenta propostas para a construção de um projeto nacional que supere os atuais impasses do modelo neoliberal, que ainda predomina sobre os rumos da economia brasileira.

## CURSOS DO CORECON/RJ

### CURSO DE APERFEIÇOAMENTO EM ECONOMIA: PREPARATÓRIO PARA A PROVA DA ANPEC

Curso noturno de 570 horas-aula, sendo 193h de Matemática, 122h de Estatística, 93h de Macroeconomia, 102h de Microeconomia e 60h de Economia Brasileira.

**Início em 17 de janeiro.** Durante janeiro e fevereiro aulas segundas, terças e quartas-feiras. A partir de março, de segunda a sexta-feira.

No ano de 2004, os alunos obtiveram aprovações para UFRJ, FGV/São Paulo, UFF, UERJ, UFBA, UFSC.

Para maiores informações, visite a página do Conselho e **faça sua inscrição.**

<http://www.economistas.org.br> – 2232-8178 ramais 36 e 45

### FIQUE ATENTO PARA OS NOVOS CURSOS QUE SERÃO OFERECIDOS EM 2005

Teoria dos Jogos – Tópicos de Política de saúde – Filosofia – Matemática Financeira – Avaliação de Projetos – Globalização Financeira – Economia do Bem-estar, igualdade, pobreza – O pensamento de Karl Marx – O pensamento econômico de Keynes – Matemática aplicada à teoria econômica – Economia e Meio Ambiente

Escreva uma mensagem direcionada para [cursos@corecon-rj.org.br](mailto:cursos@corecon-rj.org.br), sugira um curso, dê sua opinião.